

OS ÓRFÃOS DA ILHA DE LUANDA EM *SE O PASSADO NÃO TIVESSE ASAS* – OU A HISTÓRIA RECENTE DE UM VASTO SEGMENTO DA SOCIEDADE ANGOLANA

THE ORPHANS OF THE ISLAND OF LUANDA IN *SE O PASSADO NÃO TIVESSE ASAS* – OR THE RECENT HISTORY OF A VAST SEGMENT OF ANGOLAN SOCIETY

PATRÍCIA ISABEL MARTINHO FERREIRA*

LEONOR SIMAS-ALMEIDA**

Resumo: Em *Se o passado não tivesse asas* (2016), Pepetela convida o leitor a mergulhar na realidade angolana pós-colonial. A recorrência dos *topoi* da orfandade e da escassez servem de enquadramento para a análise do romance aqui proposta. Seguindo a trajetória de vida da protagonista – Himba / Sofia, esse ensaio enfatiza os problemas sociais provocados pela guerra civil e pela má distribuição da riqueza. Argumenta-se que o corte da protagonista com o passado está intimamente relacionado com a sua condição de órfã de guerra. O sucesso material alcançado pela protagonista contrapõe-se ao seu insucesso emocional, como se esta jovem fosse, no final do romance, atingida por um outro tipo de orfandade (a dos afetos), exigindo do leitor um olhar crítico sobre a “ditadura da ganância” que grassa na Angola de hoje.

Palavras-chave: orfandade, escassez, guerra, fome, Pepetela

Abstract: In *Se o passado não tivesse asas* (2016), Pepetela invites readers to delve into postcolonial Angola. The recurrence of the *topoi* of orphanhood and scarcity serve as a framework for the analysis of the novel proposed here. This essay focuses on the trajectory of the protagonist – Himba / Sofia – to emphasize the social problems stemming from the civil war and the unequal distribution of wealth. The way in which the protagonist cuts ties with the past, this paper argues, is intimately related to her condition of orphan of war. The material success obtained by the main character is set against her emotional collapse, as if she were, at the end of the novel, afflicted by an orphanhood of another, emotional variety. Readers are called on to cast a critical gaze on the “dictatorship of greed” that holds sway in Angola today.

Keywords: Orphanhood, scarcity, war, famine, Pepetela

* Doutoranda em Estudos Portugueses e Brasileiros na Brown University (EUA).

** Professora do Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da Brown University (EUA).

[M]etaphors speak to the nonspoken, to the nonconceptual sensibilities that escape consolidated conceptualized forms. (...) As Hans Blumberger suggests, metaphors are anything but seamless similarity. They are “disturbances.” They can be disruptive, suggest new analytic space and new associations, even as they seem smoothly to line up with that to which they refer. Metaphors can be political actors when they stretch our visions to new domains. Metaphors are never precise, as Blumberger reminds us. This gap is where their traction lies. (STOLER, 2013, p. x)

Como se não bastasse estarem em luta constante com fome, a falta de um teto, uma família. (PEPETELA, 2016, p. 159)

1

. Introito

O conceito de órfão é de difícil definição, variando em termos históricos, mas também consoante as culturas. Desde a Idade Média até ao século XVIII, de acordo com Anne McCants (2004), a definição de órfão encerra já essa dificuldade hermenêutica, pois um órfão tanto podia ser uma criança cujos pais estavam mortos, como uma criança cujos progenitores, frequentemente por razões económicas, não poderiam cuidar dela. Assim, o órfão caracteriza-se por ser uma criança que experiencia a ausência ou o abandono do pai e da mãe, ou apenas de um deles. A este entendimento, Carol Pearson acrescenta a ideia de que, muitas vezes, os órfãos vivem integrados nas suas famílias, mas acabam por ser crianças mal-amadas e desprotegidas. Nas suas palavras, “muitos órfãos vivem em famílias que parecem intactas, mas as crianças não são apreciadas, acarinhadas nem guiadas, e não se sentem emocional ou fisicamente protegidas” (PEARSON, 1991, p. 83, trad. nossa).

Portanto, tradicionalmente, o órfão tem sido definido como alguém que perdeu uma ou as duas figuras parentais e se acha desprovido de outros familiares próprios, sendo a sua definição elaborada dentro dos parâmetros da própria instituição da família. Com frequência, devido à indefinição da sua origem, o órfão encontra-se fora de qualquer classificação social. E, embora geralmente despoiete piedade e compaixão, pode ser considerado uma presença ameaçadora no seio do espaço doméstico. No geral, o seu percurso caracteriza-se pela descoberta das suas verdadeiras raízes identitárias e, em muitos casos, esse é um caminho através das suas próprias memórias. Não raramente a jornada de autodescoberta trilhada pelo órfão é resolvida com sucesso de forma a permitir a sua reintegração na sociedade. Existindo sem a proteção e a orientação das figuras parentais, o órfão prova ser um tropo literariamente maleável, expondo as ansiedades e as contradições sociais da época histórica em que se move (FLOYD, 2011, p. 56).

Melanie Kimball (1999), ao debruçar-se sobre textos folclóricos cujos protagonistas são órfãos, explica que estas são personagens confrontadas com grandes obstáculos que, a todo o custo, tentam ultrapassar e, nesse sentido, simbolizam a tragédia, demonstrando um caráter dual, isto é, podem provocar simpatia e compaixão e, simultaneamente, desprezo, podem transmitir esperança, mas também desespero. O órfão, assim descrito, leva uma vida livre de intromissão e restrições parentais, contudo é privado da liberdade e dos privilégios de uma criança dita normal. Na introdução ao estudo *The orphan: a journey to wholeness*, Audrey Punnett reitera justamente essa dualidade: “o órfão está sozinho e tem, por um lado, o potencial de crescimento e de novos começos e, por outro, o potencial de permanecer isolado e do lado de fora” (PUNETT, 2014, p. 22, trad. nossa). Segundo estas autoras, existem muitos órfãos lendários na literatura, os quais assumem frequentemente o epíteto de herói. São autocontidos e levam uma vida de aventureiros na busca de afeto, identidade e sucesso, mas podem experimentar também estados de alienação e solidão. Todos estes traços parecem estar bastante salientes no percurso da protagonista do mais recente romance de Pepetela sobre o qual este ensaio se concentra.

A orfandade inscrita nas primeiras páginas de *Se o passado não tivesse asas* (2016) presta-se a ser lida como um inegável sintoma das ansiedades existentes na sociedade angolana pós-colonial, relacionadas intimamente com as consequências da guerra civil que assombrou o país desde a Independência em 1975 até

2002, com breves interlúdios de paz. O percurso órfão da personagem principal – Himba / Sofia – contribui para a reflexão sobre as feridas que atravessam a realidade angolana decorrentes da violência da guerra, mas também, e sobretudo, da distribuição desigual da riqueza, das injustiças sociais e da ganância que sobressaem na atualidade.¹

A estrutura do romance assenta na alternância entre dois períodos temporais distintos: o tempo da guerra civil e da escassez (1995) e o tempo da paz consolidada e do crescimento económico (2012). Os protagonistas destas duas narrativas, Himba e Kassule na primeira, são renomeados Sofia e Diego na segunda, ou seja, naquela que nos remete para o período histórico mais recente. O leitor atento aos pormenores perceberá esse facto à medida que o romance avança, encontrando inequívoca confirmação nos dois últimos segmentos narrativos e, em particular, no tenso diálogo entre os dois jovens. Os eventos concernentes ao passado servem, em traços gerais, de pano de fundo às ações do presente, enfatizando-se de forma muito visível os contrastes sociais existentes entre os diferentes momentos históricos: por um lado, o flagrante ambiente de miséria em que vivem os “filhos da guerra” (PEPETELA, 2016, p. 64) durante a década de 90 e, por outro, o escandaloso ambiente de luxo em que se movem os filhos da elite político-económica luandense contemporânea.

2. Do Huambo à Ilha de Luanda

O romance tem início com a fuga de uma família do Planalto Central, onde a guerra civil se fazia sentir em 1995, em direção a Luanda. Durante esse deslocamento para a cidade “leoa” (ibid., p. 92), a camioneta onde, entre outras pessoas, Himba e a família se deslocavam, explode e a menina é imediatamente “projetada para o capim” (*ibidem*, p. 10), acabando por correr pelo mato fora a fim de se salvar. Nesse instante, aos 13 anos de idade, Himba perde os quatro irmãos mais novos, o pai que era professor de história e a mãe que era enfermeira. Nas primeiras páginas do romance, Himba é afastada das suas raízes, trans-

¹ A linha temática deste romance foi ensaiada por Pepetela numa crónica incluída no volume *Crónicas com fundo de guerra*, publicado em 2011 e que reúne textos escritos para o jornal *Público* entre 1992 a 1995.

formando-se numa órfã de guerra. O seu sentimento de orfandade reflete-se, aliás, na agressividade da paisagem envolvente:

À noite soube que estava perdida e se deitou no chão, a chorar. O frio do Planalto lhe entrou no corpo e não adiantava muito ficar toda recurvada em posição fetal. [...] O mato se encheu de rumores, sombras, fulgores, e ela não conseguiu mais adormecer, abraçada ao seu medo. Estava perdida, sem a família, a bater os dentes de frio. E de desespero.

Uma criança no meio do nada.

Ou no inferno (ibid., p. 13).

Graças à generosidade dos militares com os quais se cruza no caminho, Himba consegue chegar à “grande cidade” (ibid., p. 31) de Luanda onde, ao contrário do que esperaria encontrar, impera “fumo, confusão e mau cheiro” (ibid., p. 31) e abundam “crianças sentadas no chão ou procurando comida nos contentores do lixo” (ibid., p. 32). Confrontada com a desconfiança dos cidadãos, com a incapacidade de ajuda das autoridades e instituições governamentais, e também com as dificuldades de sobrevivência num ambiente urbano hostil e marcadamente masculino (“Havia duas ou três meninas, apenas” ibid., p. 34), Himba vagueia pela parte antiga da cidade de Luanda até chegar ao Largo da Mutamba, um ponto crucial da cidade onde acaba por conhecer Kassule, um rapazinho “franzino” (ibid., p. 41) de 10 anos que a confunde, por breves instantes, com Sofia, a irmã dele desaparecida. A partir desse dia, Himba e Kassule, também órfão, tornam-se amigos inseparáveis.

Por conseguinte, é na companhia de Kassule, que tinha perdido uma perna devido aos estilhaços de uma mina, que Himba chega à Ilha de Luanda, lugar que, na opinião do menino, seria o melhor refúgio para se protegerem das agressões da cidade.² A parceria e a cumplicidade entre os dois jovens órfãos são reveladoras da necessidade de formação de laços de camaradagem em prol da sobrevivência diária. Note-se, aliás, que nas histórias sobre órfãos, frequentemente,

² A agressividade da cidade de Luanda e a atração que ela exerce sobre os angolanos, bem como a ideia de que nela só vingam os fortes são recorrentes em toda a narrativa, tal como se lê num dos vários excertos possíveis de citar: “Luanda é dura de viver, Nguimbi sem alma, como se diz, mas tem um íman poderoso que suga as pessoas para si e dela não deixa escapar. Só os muito fortes resistem” (PEPETELA, 2016, p. 137).

o protagonista encontra no seu caminho um coadjuvante que o acompanha nas suas aventuras, ajudando-o a ultrapassar eventuais obstáculos. Assim, na Ilha, ambos encontrariam comida nos contentores do lixo de um restaurante e dormiriam com mais conforto na areia da praia, tal como Kassule já tinha investigado. A esperança de ambos era a de que na Ilha tudo fosse “mais calmo” (ibid., p. 60).

Para alguns autores, a ilha é considerada uma expressiva metáfora da orfanidade. De acordo com William Floyd, “afastada das estruturas sociais normativas, muitas vezes sem a especificidade de ter um nome ou de ser propriedade de alguém, e um espaço potencialmente metamórfico nas mãos daqueles que se esforçam por reivindicá-lo, a ilha é topograficamente o espaço órfão por excelência” (FLOYD, 2011, p. 157, trad. nossa). As metáforas, como se explicita na primeira epígrafe deste texto, apontam para o indizível, contendo, por vezes, uma dimensão política que alarga a nossa perspetiva sobre o mundo. Ora o espaço insular parece justamente exercer, neste romance, a força de um poderosíssimo símbolo, enfatizando o isolamento e a dimensão de refúgio associados a esse espaço, mas também o potencial de violência que foge ao controle das estruturas sociais e que se manifesta aí em toda a sua pujança. Assim como no estado de orfanidade se inscreve uma rutura na estrutura familiar, no espaço insular sobressai a possibilidade de um corte ou afastamento relativamente às estruturas sociais que asseguram o “normal” funcionamento da sociedade.

O microcosmos da Ilha de Luanda (que, na realidade, é uma península), exibe uma concentração de diversas situações de orfanidade associadas a uma das consequências mais devastadoras da guerra civil – a fome. Observe-se, no curto excerto abaixo, a expressividade dos termos indicativos da ideia de escassez:

Os dias iam passando, parecidos. Havia mais garotos na praia, por vezes era preciso *disputar ferozmente* o recanto nos blocos de cimento. Também os *restos* do restaurante. Noé, que parecia saber tudo, explicou, a guerra estava quente no Huambo e no Bié, por isso mais crianças tinham aportado à cidade, milhares cada dia. Se espalhavam pelas ruas, dormiam nos vãos das portas, quando lhes deixavam, nas arcadas da marginal então não se fala, estavam cheias, alguns vinham para aqui, a Ilha. Também havia famílias de Luanda que diziam não aguentar tanto filho com a vida cada vez mais difícil e lhes mandavam para a rua, vão *mendigar* ou *roubar, desenrasquem*.

E a comida *rareava* nos contentores. (PEPETELA, 2016, p. 106-7, ênfase nossa)

A fome é considerada como uma manifestação extrema de carência, capaz de condicionar as aptidões mentais e emocionais dos indivíduos (MULLAINATHAN; SHAFIR, 2014, p. 5). O acesso à comida é, por conseguinte, a prioridade de todas as crianças que se acolhem na Ilha, sendo que o dia a dia destas se pontua pelo sucesso ou insucesso na obtenção de alimentos. Os autores acima mencionados observam que a fome interfere sobremaneira com o modo de pensar e, nesse âmbito, a satisfação das necessidades básicas torna-se quase uma obsessão: “a escassez aprisiona a mente. [...] A mente orienta-se automática e poderosamente para as necessidades insatisfeitas” (ibid., p. 7, trad. nossa). Não se estranha, por isso, que, na Ilha, a luta pela comida se faça a custo da própria integridade física. A sobrevivência implica estar em permanente guerra com o outro, vencendo sempre o mais forte fisicamente. Atente-se na seguinte descrição do cotidiano destas crianças, reparando-se, em particular, na abundância e na expressividade do vocabulário relacionado com o confronto físico:

Os meninos se acumulando na porta de trás do restaurante muitas vezes *entravam em lutas*. Primeiro se *empurravam* para ganhar melhor espaço, depois *voavam os insultos* aos pais dos outros, finalmente os *punhos* saíam da cómoda posição ao longo dos braços, se *agitavam em movimentos rápidos, a pancadaria generalizada*. [...] Madia [...] *Lutava, gritava e rasgava* caras alheias, também *apanhava murros e bofetadas*. Não impunha o devido respeito e no fim ficavam sempre muito atrás no contentor, se satisfazendo com peles e ossos de galinha de aviário, mais fáceis de roer. (PEPETELA, 2016, p. 108, ênfase nossa)

A escolha da expressão “guerrear pela sobrevivência” (ibid., p. 67) para descrever o mundo em que os meninos de rua se movem não é, portanto, despiçante. Na realidade, Himba e Kassule vivem num contínuo estado de guerra³. À violência gratuita perpetrada por diferentes bandos, junta-se a dificuldade de

³ É importante mencionar que a presença da violência precede à chegada dos dois amigos à Ilha, tal como o narrador esclarece: “Outros garotos dormiam por ali, procurando aconchego nos blocos ou no muro perto do restaurante. Não era um mundo tranquilo, porém. Havia lutas por ocupação do território. Kassule recolheu testemunhos de duras lutas que passaram no ano anterior, algumas metendo mais que paus e pedras. Facas... Sobretudo garrafas partidas que podem cortar a garganta de um desgraçado. E o que havia mais na Ilha eram garrafas inteiras ou partidas” (PEPETELA, 2016, p. 83).

acesso aos restos de comida devido à escassez da oferta e à excessiva procura. Observe-se que o narrador se refere mesmo à “eterna fome” (ibid., p. 154) de que os seus protagonistas sofrem num ambiente em que constantemente é necessário lutar “por uma posição” (ibid., p. 154), como se a satisfação das necessidades básicas não fosse um direito de todos os seres humanos.

Na visão de Roux et al. (2015), as situações que envolvem um estado mental de “escassez” ativam comportamentos competitivos e, muitas vezes, profundamente egoístas. Com efeito, repetem-se ao longo da narrativa os episódios de lutas entre diferentes bandos. A violência é exacerbada e, em prol da sobrevivência, chega a haver não só agressões físicas, mas também mortes, como se a guerra civil, que decorria no mato e empurrava as crianças para a rua da cidade “leoa”, se reproduzisse também ali na Ilha. Lembre-se, a este respeito, o episódio em que um dos meninos (Jiki) é, na confusão, morto à facada; momento testemunhado, ainda que de longe, por Himba e Kassule. Para além da riqueza de termos pertencentes ao campo semântico da violência, preste-se especial atenção à subtil ironia do narrador quando se refere aos restos da comida como “tesouros da cozinha”, enfatizando claramente a precariedade e a desumanização contidas em todo aquele cenário:

Assim, havia que esperar pela hora do almoço e *lutar pelos restos*. Se tivessem alguma sorte... [...]

De repente, surgiu do nada uma avalanche de gente. Nunca tinham visto *tantos candidatos aos restos do restaurante* e tão cedo. Não eram só miúdos, havia gente grande, uns matulões de mais de dezoito anos, escapados à tropa. [...] Ainda era muito cedo para começarem a sair *tesouros da cozinha* mas já se formava uma fila para apanhar a comida. [...] Além do insólito, se tratava de fila *conflituosa*, pois havia *ameaças, empurrões, insultos*, entre os integrantes. [...]

Foi então que Himba viu, por entre uma *batalha de corpos se atirando uns aos outros*, um brilho de *lâmina*, um *pescoço sangrando*, um *miúdo caindo na areia*. Himba viu a cara do *agressor*, conhecia já aqueles *olhos maus*, de outras alturas, *olhos ameaçadores* embora não soubesse o nome do dono deles. Kassule também viu [...] . (PEPETELA, 2016, p. 156, ênfase nossa)

As dinâmicas presentes na Ilha de Luanda manifestam a experiência dramática da fome associada a situações de extrema rivalidade, de abuso físico e psico-

lógico. Inicialmente considerado como um lugar seguro, a Ilha começa, aos olhos de Himba e Kassule, a transformar-se num foco de agressividade incontrolável. A par da violência física decorrente da constante luta pela comida (ideias que atravessam toda a narrativa e particularmente o episódio acima citado) é imperioso ressaltar a violência direcionada às meninas de rua na forma de abuso sexual, situação vivenciada por Madia e Himba. No caso desta última, o encontro com os agressores (um grupo de rapazes fumadores de “liamba”, *ibid.*, p. 92) acontece na zona florestal da Ilha, lugar que Himba e Kassule ainda não tinham explorado, talvez por sentirem ser um lugar mais perigoso do que a praia onde normalmente passavam o tempo. O pressentimento do perigo em relação ao espaço da floresta antecipa o doloroso e previsível desfecho. Concretizava-se, sem surpresas, a ameaça exposta por Madia, uma menina de 15 anos, cujo pai tinha desaparecido por causa da guerra e cuja mãe tinha encontrado refúgio na bebida. Abusada pelo padrasto e violada várias vezes nas ruas de Luanda, Madia sabia claramente que se tratava apenas de uma questão de tempo até que o mesmo acontecesse a Himba. O estado físico e mental de Himba após a violação é de uma enternecedora fragilidade. A violação representa a derradeira prova da “insegurança do mundo” que as meninas órfãs são obrigadas a experienciar:

Tudo lhe doía mas o pior não era a dor física. Se sentia roubada, violentada no mais íntimo, como se deixasse de haver qualquer tipo de segurança no mundo. Ao mesmo tempo uma tremenda vergonha. De não ter podido lutar? Fez o que as forças permitiam, tinha sido pouco. Vergonha, medo, e lá no fundo, uma tremenda revolta inconfessável. Desânimo também.

Derrota.

As lágrimas eram teimosas e não paravam de correr. (*ibid.*, p. 95)

Desde este fatídico episódio na floresta, Himba não só passa a andar descalça como se aliena constantemente das conversas, “sempre alheada na sua dor” (*ibid.*, p. 113), vivendo em permanente sobressalto, “sempre a acordar aterrorizada com pesadelos de rapazes grandes a quererem repetir a violência” (*ibid.*, p. 163). A perda das sandálias não é, no percurso órfão da protagonista, mero pormenor, antes representa a perda do único objeto que a ligava à família e à sua vida anterior, proporcionando algum conforto físico, por isso lamenta o sucedido:

Lamentava a perda das sandálias, a mãe tinha comprado numa loja do município, eram rasas, cor-de-rosa, boas para o pé entrar. Como substituir as sandálias? *O pensamento fixo nas sandálias, a sua perda maior*, impedia-a de ouvir muito das conversas dos outros, era frequente terem de lhe repetir qualquer coisa. (ibid., p. 107-108, ênfase nossa)

Em vista dessa “perda maior”, encontrar um calçado alternativo passa a ser uma obsessão capaz até de minimizar a dor da violação e de a impelir a roubar, ato que a Himba do Planalto Central sabia ser reprovável. Perante o vazio das perdas emocionais e físicas, Himba fica mentalmente instável, demonstrando a validade do pressuposto de que a escassez empurra o indivíduo a tomar decisões que se afastam dos valores que moralmente defendiam: “a escassez altera a maneira como olhamos as coisas; faz-nos escolher de forma diferente. Isso cria benefícios: somos mais efetivos no momento. Mas também acarreta custos: a nossa determinação leva-nos a negligenciar as coisas que realmente valorizamos” (MULLAINATHAN; SHAFIR, 2014, p. 38, trad. nossa). Recorde-se, neste contexto, a cena em que, por pouco, Himba não resiste à tentação de roubar. No momento em que equaciona furtar uns chinelos na praia, Himba não percebe de imediato que esse ato poria o seu amigo em perigo, pois, ao contrário dela, Kassule não só teria dificuldade de correr, como seria facilmente identificado. A obsessão de satisfazer o desejo de uns chinelos novos impede-a de ter uma visão abrangente sobre a situação de perigo em que estava prestes a incorrer.

São vários os episódios reveladores das dinâmicas de violência experienciadas por Himba e Kassule no espaço da Ilha. Para além das constantes pelejas entre os diferentes bandos de jovens em torno das sobras do restaurante, destaca-se também a atitude de indiferença e egoísmo dos clientes, incapazes de perceber que a “fome era demais” (PEPETELA, 2016, p. 137) e que aquelas crianças eram indefesas, apesar de parecerem ameaçadoras. No espaço da Ilha, porém, não se assiste apenas a situações de violência, existem igualmente gestos de assinalável generosidade. O ambiente de isolamento da Ilha vai, na verdade, permitir a formação de estruturas alternativas como forma de combate à escassez quer de bens materiais quer de laços emocionais. Esses laços – de amizade e generosidade – constituem a condição necessária para a sobrevivência. Sublinhe-se três exemplos: primeiro, a proteção de dona Isabel – uma moradora da Ilha sempre pronta a protegê-los, dando-lhes comida, oferecendo a Himba os tão desejados

chinelos, ajudando-os a contactar a família de Luemba (uma menina que tinha fugido aos maus tratos de uma parente afastada e se junta ao grupo) e conseguindo, por fim, para ela e Kassule duas vagas num orfanato; segundo, a generosidade de Noé – um rapaz mais velho e forte que, quando passava pela Ilha, lhes conseguia arranjar mais comida nas lutas pelos restos e, terceiro, a compaixão de Kassanje, o segurança do restaurante que, às escondidas, por vezes lhes dava as sobras vindas diretamente da cozinha.

Contudo, mais do que estas relações comunitárias resultantes de uma generosidade desinteressada, enfatize-se a relação de fraternidade que se estabelece entre Himba e Kassule. Não raras vezes a menina se refere a Kassule como seu irmão, não se separando dele por nenhum motivo. É, aliás, devido a essa forte ligação entre os dois que Himba rejeita um trabalho como empregada doméstica (oportunidade que será aceite por Madia) e só concordaria com a ida para o lar se também houvesse espaço para Kassule. A relação entre os dois é, na realidade, marcada por uma profunda comunhão; são o ombro amigo um do outro, protegendo-se mútua e continuamente. E Kassule, sensível como é, está sempre presente nos momentos mais delicados para Himba, tal como na manhã seguinte à morte de um dos elementos de um perigoso bando que frequentava a Ilha. Ao amanhecer, a menina é atravessada por uma enorme tristeza e, pela primeira vez, expressa a profunda saudade que tem dos pais, bem como a evidente necessidade de “colo”. Nessa cena manifesta-se um pungente sentimento de perda que a faz desacreditar num futuro risonho, a falta de esperança subjaz claramente à pergunta retórica final: “– Sinto falta dos meus pais... E não sei, não... esta vida vai melhorar?” (ibid., p. 162).

Os exemplos de relações interpessoais positivas cultivadas num ambiente adverso são a única forma de Himba, tal como Kassule e outros órfãos que habitam na Ilha, colmatarem o seu estado de orfandade, procurando adaptar-se à nova realidade. Note-se que, nas narrativas sobre órfãos, quase sempre estes ganham agência na construção tanto de ligações comunitárias quanto de relações de parentesco, não se tratando apenas de mostrar o órfão como vítima mas também como pessoa hábil na criação de “laços de parentesco fictícios” (GUSKY, 2014, p. 15), conexões essas assaz determinantes para o sucesso ou o insucesso do protagonista órfão.

Se o passado não tivesse asas parece apontar justamente nessa direção. Ao longo da narrativa, o leitor acompanha Himba na construção da sua família ado-

tiva: primeiramente alia-se a Kassule, depois responsabiliza-se pela pequena Luemba e, por fim, aceita a proteção do jovem Tobias (e, por extensão, do seu bando – os jovens Munhango, Matias, Insepulto e Zero). É, aliás, com bastante simpatia que o narrador nos informa sobre a união dos quatro jovens originários do “famoso Planalto Central” e pertencentes “à geração que se comunicava exclusivamente em português” (PEPETELA, 2016, p. 114). Estes traços em comum reforçam o sentido de pertença e de ligação entre os elementos do grupo, todos eles de algum modo órfãos⁴. Embora a relação de poder – dentro da nova dinâmica – seja estabelecida à revelia de Himba, pois é Tobias que se impõe à menina exigindo-lhe que fosse “sua mulher”, Himba consegue desafiá-lo, reclamando em troca proteção para si e para a sua “família” (isto é, para os amigos Kassule e Luemba). Perante as hostilidades do ambiente de rua em que vive, a menina vai aprendendo habilmente a negociar, aguçando o seu sentido prático e tornando-se mais destemida.

A aliança com Tobias e o seu grupo dura alguns meses, durante os quais Himba e Kassule, com o apoio de dona Isabel, conseguem enviar Luemba para junto da família que desconhecia o seu paradeiro. Entretanto, o grupo vai sobrevivendo “unido em afetos” (ibid., p. 237) até ao dia em que o ajuste de contas entre os dois bandos rivais se torna insuportável. Tobias estava determinado a vingar-se dos agressores de Himba, e Jonas a defender o seu próprio poder; naquele lugar, observa a menina, “o mais forte devorava o mais fraco até ser devorado por um mais forte, numa verdadeira cadeia alimentar” (ibid., p. 209). Num dos confrontos com o bando do Jonas, Tobias morre tragicamente e as hostilidades recaem de imediato sobre Himba, que é violada uma vez mais. Depois de um longo ano “de perda constante” (ibid., p. 246), Himba e Kassule, ajudados pela maternal dona Isabel, partem finalmente para um lar de crianças desfavorecidas gerido por padre Adão, um conhecido da senhora. E é, assim, sem saudades que Himba se afasta da Ilha, concluindo: “A Ilha era dura para quem tinha de sobreviver na areia. Se despedia dela sem particular saudade.” (ibid., p. 251).

⁴ Mesmo que órfãos de pais vivos, como é o caso de Tobias que tinha saído de casa atraído pela “leoa”, a “grande cidade” de Luanda (ibid., p. 211) ou, mesmo, de Zero que tinha sido expulso de casa e incentivado a pedir esmola (cf. ibid., p. 186).

3. Transformação de Himba em Sofia

A adaptação ao lar “não foi difícil”, pois com “o decorrer do tempo foram conhecendo as regras e as pessoas que tentavam fazê-las cumprir” (ibid., p. 267). E é nesse período que Himba e Kassule gozam de uma relativa paz, para a qual muito contribuem os valores e os comportamentos dos benfeitores: padre Adão e os seus ajudantes (a irmã Débora, o arquiteto Radamel e o contabilista Job). Ambos os meninos se destacam na escola e o tempo vai passando “com sono regular e comida suficiente” (ibid., p. 295). Kassule sobressai nas Belas-Artes e Himba termina um curso médio de Contabilidade e Gestão, cultivando também um gosto especial pela culinária. Se Himba tivera um papel ativo na construção da sua família adotiva, da qual agora só restava Kassule, o instinto de sobrevivência e o seu sentido prático evidenciar-se-ão naturalmente durante os anos passados no lar.

No livro *Portugal e África*, David Birmingham sublinha que, durante os períodos da guerra pela libertação e da guerra civil, as crianças nascidas em Angola correram “o risco de se defrontar diariamente com a violência, violência política, violência de bandos delinquentes, violência doméstica, violência do recrutamento, violência do exílio, a violência do medo a penetrar em toda uma sociedade e toda uma geração” (BIRMINGHAM, 2001, p. 172). Ora, neste romance de Pepetela, existe de facto uma dimensão generalizada de violência devastadora. A este respeito é importante notar que, mesmo sob a proteção do lar, a questão da violência não desaparece da vida da protagonista. O cenário de constante terror vivido quer nas ruas da capital quer na Ilha de Luanda encontra eco em dois episódios dignos de menção, pois ilustram magistralmente a ubiquidade da insegurança em que Himba vive, assim como ilustram a sua capacidade de resiliência: por um lado, a tentativa de violação que sofre na rua a caminho do lar, por outro, o assédio do professor. É com um agudíssimo espírito de sobrevivência que Himba se defende do homem que tenta atacá-la (cf. ibid., p. 319), e é com bastante ousadia que, mais tarde, manipula o professor de Economia Política para conseguir uma boa nota, ao levá-lo a pensar que ela seria mais uma das alunas de quem ele se poderia aproveitar sexualmente (cf. ibid., p. 333). Se, em relação à primeira situação, Himba age em autodefesa, na segunda, o leitor percebe que a jovem consegue aproveitar-se arditamente das circunstâncias. Sobre os contornos destes dois eventos nunca contará a ninguém, nem mesmo

a Kassule. A sua filosofia de vida tinha sido aprendida à força e a custo de muito sofrimento durante os meses passados na rua, pelo que se compreende o espírito individualista e a ausência de remorsos face à sua interação com o professor, até porque, afinal, Himba também sente que de algum modo fizera justiça, pois afinal “a vida era uma guerra”:

Não sentira remorsos e continuava na mesma. Tinha de passar de ano e a disciplina era um escolho. Removeu o escolho. Ainda por cima se tratando de um criminoso, um pedófilo, de que todos falavam mas sem atuarem contra o prevaricador. Ela fez justiça. E lucrou com a justiça. Nada tinha de se envergonhar, a vida era uma guerra, como todos lhe diziam, e ela tinha aprendido nas circunstâncias mais difíceis. Ia agora ter remorsos?

Remorsos são para os fracos, ela era uma lutadora. (ibid., p. 336)

Os instintos de sobrevivência e de resistência treinados desde que ficara órfã permitem, em certo sentido, a integração de Himba na sociedade, por intermédio de uma transformação, isto é, de uma mudança de identidade. Quando acontecem os acordos de paz de 2002, sete anos depois da fuga da família, Himba visita a aldeia natal e encontra um cenário desolador, a confirmação da morte dos pais e dos irmãos, além da implacável convicção de que o pai “fora culpado do que tinha acontecido, primeiro por querer fugir, segundo por atrasar a fuga já decidida” (ibid., p. 355). A desconexão sentida durante a visita àquela terra que já não considera sua, assim como a culpa atribuída à figura paterna justificam a sua decisão de “mudar de identidade” (ibid., p. 358). E é assim que Himba propõe a Kassule a mudança de nome e a oficialização dos laços de parentesco criados entre os dois. As motivações de Himba são claríssimas e consistem em apagar “o passado”, tal como o narrador esclarece:

Os dois. Ficariam com o mesmo apelido e registados como irmãos. Não era a razão principal de Himba. A que ocultava. De facto, queria se *libertar do apelido paterno*, talvez isso lhe fizesse *esquecer o passado, toda a dor acumulada*, partia para uma nova vida com novo nome. Sem o lastro da *culpa do pai, vergonha por ele, causador da tragédia da família*. E o primeiro nome seria Sofia, em vez de Himba, nome de kimbo. Sofia, como a irmã perdida de Kassule. Teriam o mesmo apelido e

ficavam como irmãos. Só era preciso convencer o padre a lhes dar o apelido dele, Moreira. Sofia Moreira. (ibid., p. 358, ênfase nossa)

Poderá talvez afirmar-se que este gesto de rejeição das suas raízes simboliza, por parte da geração representada por Himba, a necessidade de condenar e de se afastar da atuação da geração anterior, que alimentou uma guerra fratricida geradora de variadíssimas situações de orfandade, daí o profundo desejo de “rasgar o passado”, isto é, de negar o nome do pai: “– Quero esquecer que fui filha dele. Quero rasgar o passado, nunca mais pisar aquela terra, não ter nenhuma foto, que não tenho mesmo, nem documentos de lá, tudo foi queimado. [...] Como se muda de pele se não se muda de nome?” (ibid., p. 362).

Aos 20 anos, Himba / Sofia torna-se economicamente independente e decide sair do lar, levando consigo Kassule / Diego. Ao mesmo tempo que vai alcançando sucesso material (trabalhando no restaurante de dona Ester), a jovem afasta-se física e emocionalmente de todos aqueles que outrora a ajudaram, tanto das pessoas do lar como das da Ilha. Esse corte de laços está em perfeita sintonia com a decisão de quebra com o passado tomada por Sofia anos antes, e a ambição que, aos poucos, vai começando a evidenciar-se estará por certo relacionada com a vontade de, a todo o custo, evitar o estado de carência antes experienciado, porque, como já foi dito, tudo o que possa lembrar a escassez tem o poder de promover naturalmente comportamentos individualistas, competitivos e até violentos.

Seja como for, a passagem de Sofia de sócia do restaurante de dona Ester a única proprietária do negócio, após a morte da senhora, não está isenta de críticas, pois decorre de um ímpeto oportunista que, aos olhos de Diego, constitui um exemplo da ganância reinante na sociedade em que vivem, realidade com a qual ele se recusa a compactuar. Os acontecimentos que se seguem à morte da sócia revelam, com efeito, uma Sofia fria e indiferente, capaz de ser desonesta, isto é, de trair dona Ester que tanto confiara nela e na sua capacidade de proteger o seu filho Ezequiel, mentalmente incapaz de providenciar para a sobrevivência própria. Quando descobre que Sofia tinha passado o restaurante da sócia apenas para seu nome, a reação de Diego é, sem surpresas, determinadamente crítica.

No percurso de ascensão material e de deslumbramento face aos ambientes frequentados pelos jovens da elite angolana com quem trava conhecimento no

restaurante (cf. *ibid.*, p. 369), Sofia isola-se a cada passo e começa, irremediavelmente, a perder a consideração de Diego, a pessoa mais importante para si, a única que, afinal, a conhecia como ninguém. Por ter enraizado um profundo sentimento de inferioridade, Sofia mostra dificuldade em criar quaisquer laços afetivos. É, aliás, muito visível um enorme desprendimento e falta de entrega em todas as suas relações.⁵ No final da narrativa, o leitor encontra-a sozinha, uma vez mais, o que gera uma espécie de circularidade narrativa se nos lembrarmos do seu início. Ao perder a companhia de Diego, Sofia experimenta aquilo a que se poderá chamar de orfandade emocional. Diego acusa-a de se ter transformado numa pessoa distante que esquece os amigos que tanto a ajudaram, uma pessoa incapaz de superar a violência sofrida no passado, exorcizando as feridas das perdas traumáticas (da família, de Tobias) e das agressões físicas. O diálogo final entre os dois é intenso e Diego reconhece inclusivamente sentir-se culpado por não ter ajudado Sofia a libertar-se dos seus fantasmas, mas, perante a “ganância” revelada pela irmã, o rapaz decide sair de casa, destruindo com afinco quaisquer argumentos dela:

- Não precisas ir embora.
- Preciso mesmo. Não posso conviver com a ganância ou o resultado dela. Não vou ser um escravo desta ditadura da ganância, que parece ser o nosso destino. Outros sejam escravos. Eu sou diferente.
- Eu sou o que fizeram de mim. O teu país.
- Outros sofreram tanto como tu e continuaram honestos e dignos. Humanos... O país é de todos e não deve ser culpado pelos erros dos seus filhos. (*ibid.*, p. 371)

Embora no discurso de Kassule se inscreva uma vincada esperança relativamente aos valores pelos quais uma comunidade se deve reger, o desfecho da narrativa é, reconheça-se, particularmente distópico sobretudo porque o regresso de Sofia ao espaço da Ilha não demorará, como é dito, mais do que “umas horas” (*ibid.*, p. 372). É certo que o romance termina com uma interrogação e,

⁵ Isso acontece de forma muito flagrante em relação a dona Ester que, “em vários anos de convivência diária” (*ibid.*, p. 172), nada conhece sobre a vida privada de Sofia, mas também em relação aos jovens da elite angolana que frequentam o seu restaurante e perante os quais nunca deixou de sentir-se inferior: “ela recusa inquirir, por medo de ser remetida ao seu lugar de mulher vinda do musseque ou da rua, sem direito portanto a entrar na intimidade dos eleitos” (*ibid.*, p. 329).

portanto, pode imaginar-se que Sofia se apaziguará com os fantasmas do passado e caminhará na direção de outros valores, como a gratidão e a generosidade perante quem a ajudou (valores que até aí não conseguiu demonstrar), mas também é certo que a dureza que se apoderou do seu coração não se suavizou com a mudança de identidade e talvez por isso, em termos emocionais, o futuro não seja muito auspicioso. De certa forma, mesmo mudando de nome, Kassule não esqueceu o passado mas fez as pazes com ele,⁶ exorcizando-o quiçá nas suas pinturas. Himba, pelo contrário, quis ignorar as suas raízes, quis pôr-lhes “asas” para que desaparecessem para bem longe, porém, obliterar o passado resumiu-se a uma “tentativa patética de fazer desaparecer a dor” (ibid., p. 213) e, tragicamente, a jovem não se apercebeu de que o passado tinha ficado preso dentro de si (parafrazeando as palavras do narrador, o passado vivia com ela, vivia nela, cf. ibid., p. 90). Repare-se no excerto em que a jovem observa atentamente o retrato que Kassule tinha feito dela nos tempos do lar, não conseguindo conter as lágrimas⁷ quando constata a sabedoria do amigo ao captar-lhe a dureza do carácter:

⁶ Diga-se que Kassule começa a lidar com o trauma da perda muito antes da sua mudança de nome, na verdade, a sua atitude de apaziguamento face ao passado começa até antes de procurar refúgio na Ilha. Apesar de ser órfão de pai (um soldado que morreu na guerra) e ter perdido a mãe no rebentamento da mina que lhe levou a perna (cf. ibid., p. 43), o menino nunca deixa de demonstrar uma enorme lucidez perante os obstáculos do dia a dia, sendo as suas observações e gestos em relação aos outros de uma enorme sensibilidade. Dentre os vários exemplos, destaque-se talvez um dos mais óbvios: quando Kassule tenta consolar Himba, explicando-lhe que o pai dela não teria como adivinhar que a viagem de fuga iria ser perigosa, o menino demonstra uma enorme capacidade de empatia. Apesar de longo, vale a pena reproduzir esse excerto: “– Nem podes pensar assim. Os homens dos bandos às vezes ficam muitos dias de emboscada na mata, sabem que algum carro vai passar. Tiveram azar, eles estavam à vossa espera. Na véspera já podiam estar lá e aconteceu qualquer coisa que impediu o ataque. Na véspera até podia ter sido pior, com azar. – Pior? – Estás viva, sem ferimentos... Uma sortuda. – E a minha família? Kassule não respondeu. Haveria mesmo resposta? O que era mais importante? Entre os dois, ele estava pior, perdera uma perna e também a família. Mas não disse nada, porque, apesar de ser muito novo, sabia, nada servia de consolação à desgraça de outra pessoa. Os espíritos rodeavam a amiga, lhe punham ideias complicadas na cabeça e ele só podia ajudar estando presente, mesmo se calado, para ameaçar os espíritos com o seu pau no caso de eles a incomodarem demais” (ibid., p. 65).

⁷ Himba / Sofia chora poucas vezes, o que, de certo modo, combina bem com a dureza de carácter desenvolvida durante os anos de miséria e sofrimento. Chora quando se perde na floresta (cf. ibid., p. 13), quando sente a ausência da família (cf. ibid., p. 161), quando é violada (cf. ibid., p. 95), quando se lembra da morte de Tobias (cf. ibid., p. 322) e, por fim, chora durante a derradeira conversa com Kassule / Diego (cf. ibid., p. 370).

Foi ao quarto e abriu a gaveta do fundo da cómoda. Afastou as roupas e encontrou o retrato que ele tinha desenhado no lar. Um dia ela comprou uma moldura para proteger o retrato mas nunca mostrou a Diego. Ele provavelmente nem se lembrava dessa sua primeira obra. *Olhou para ela durante muito tempo. Havia tristeza, sim. Mas era ela. O olhar era duro. Ou por vezes se tornava duro, depois amansava. Seria ela dura? Sim, tinha de reconhecer. Chorou por cima do retrato, porque ele lhe dizia coisas que ela não queria ouvir.* Diego sabia como ela era. Há muito tempo. Esse conhecimento estava ali, aprisionado no retrato. Para quê negar? (ibid., p. 372, ênfase nossa)

O regresso de Sofia à Ilha, ainda que apenas por algumas horas, atesta a sua profunda condição de órfã. Esta jovem é uma espécie de náufraga perdida num mar de destroços de guerra (trauma da perda, a fome, a ganância). A momentânea paz interior outrora sentida na praia, ao observar o mar quando o “o sol irrompia dominador e milhares de brilhos surgiam na crista das ondas, cabritinhos de espuma cintilando. Sem novelos mais escuros, enrolados uns nos outros”, não se reproduz no tempo presente. Agora, ao observar o mar, só consegue ver cabritinhos “escuros” e “oleosos” e novelos igualmente “escuros, oleosos, restos derramados de petróleo. Ameaçadores” (ibid., p. 372).

4. Epílogo

Pepetela é um autor incontornável no que toca à “construção da nacionalidade” (CHAVES, 1999, p. 218) angolana que constitui, na leitura de Rita Chaves, um dos temas centrais da já vasta obra do escritor. A autora sublinha também que Pepetela tem refletido extensamente nos seus romances sobre a “dimensão insuspeita dos limites da vitória conquistada” com a independência, revelando um enorme “desencanto” (ibid., p. 232) perante a realidade da guerra civil durante os anos 1990, desencanto esse que se estende até ao momento presente. A mundividência desenhada em *Se o passado não tivesse asas* constitui a prova cabal desse olhar amargurado sobre as vicissitudes da realidade social angolana

contemporânea, marcada drasticamente pela “falência do projeto de construção de uma sociedade justa e igualitária” (AGAZZI, 2006, p. 205).⁸

A temática social e a perspectiva da criança desfavorecida adotadas nesta obra de Pepetela estão em consonância com a “literatura produzida nos últimos anos em Angola” em cujo centro se encontram “personagens infantis” e sobretudo “paisagens urbanas, marcadas pela precariedade, pela perda, pelo luto e pela orfandade” (SILVA, 2016, p. 32). Para quem vive abaixo do limiar da pobreza, a resistência é a única arma possível. Existem na experiência de vida de Himba / Sofia perdas irremediáveis que determinam as suas ações, umas vezes, baseadas na generosidade (reconheça-se, por exemplo, que ela nunca abandona Kassule / Diego), outras vezes, na ambição material desmedida. A estes comportamentos díspares subjaz um profundíssimo estado de carência resultante do seu violento passado órfão provocado pela sangrenta guerra civil. O sucesso material que

⁸ Em *Os transparentes*, romance de Ondjaki publicado em 2012, são abordadas, de modo quiçá mais explícito, as mesmas preocupações socioeconômicas presentes no livro de Pepetela: a desigual distribuição da riqueza e a fome, “A fome que traz aos humanos as mais bizarras sensações e as mais improváveis ações, a fome que inventa capacidades motoras e ilusões psicológicas, a fome que desbrava caminhos ou promove desgraças” (ONDJAKI, 2012, p. 28). Pesem embora as devidas diferenças entre os dois romances, é importante frisar que, em ambos, se intui um profundo estado de orfandade decorrente, por um lado, da atuação de um governo que se demite descaradamente das suas funções de proteção e, por outro, de um sistema social fortemente viciado e herdeiro de constantes guerras pelo poder. O percurso individual de algumas personagens de Ondjaki é trágico e denuncia os problemas que assombram a contemporaneidade angolana, nomeadamente a invisibilidade social. Referimo-nos, por exemplo, à experiência de gradual transparência vivida por Odonato, provocada pela fome e, por fim, exacerbada com a perda do filho (caso de orfandade invertida), mas também, à experiência de Paizinho, alcinha de um jovem órfão que chega a Luanda vindo do Sul para descobrir o paradeiro da mãe. Paizinho é acolhido por um casal que mora no prédio mas tem um fim desolador: é morto durante um assalto, sem chegar a reencontrar a mãe, nem sequer a saber se ela estaria ou não viva, enquanto o leitor já fora entretanto informado de que ela viria finalmente ao seu encontro. Trágicos são também os imaginados futuros dos jovens que se cruzaram com Himba / Sofia e Kassule / Diego, protagonistas de Pepetela. Paizinho poderia, na realidade, ser um desses jovens, conforme se lê: “começaram a recordar pessoas que conheceram. Pobres como eles, jogados pelas ruas. De que nunca mais ouviram falar. Por vezes acontecia um jornal ou televisão tratar de desaparecimentos de crianças ou de algumas que eram descobertas a passar aeroportos longínquos. E se perguntaram, será que aquelas que desapareceram e que eles conheceram tiveram destinos semelhantes? Raptadas nas ruas e enviadas para paragens distantes, com destinos à prostituição, escravatura ou, o mais horrível, para serem mortas e os seus órgãos servirem para transplantes, salvando a vida dos ricos. Se contemplaram, desviaram o olhar magoado. Quem garantia alguma coisa?” (PEPETELA, 2016, p. 327-8). Há no desvio do “olhar magoado” uma mensagem fortemente condenatória da pobreza e da desigualdade social existentes na sociedade angolana de hoje.

a jovem, por fim, alcança contrapõe-se derradeiramente ao seu insucesso em termos afetivos. No final do romance, Himba / Sofia está irremediavelmente só, sente que na sua vida “é sempre tarde demais que as coisas acontecem” (PEPETELA, 2016, p. 370), e o leitor, compadecendo-se, talvez não ouse condená-la.

Parece-nos legítimo tomar, na leitura aqui proposta, os *topoi* da orfandade e da escassez omnipresentes neste romance como eficazes metáforas do sofrimento generalizado de uma população que, mesmo depois de ultrapassada uma guerra fratricida, continua atormentada por traumas e fantasmas de um passado afinal ainda presente. Trata-se, com efeito, de um passado com asas para constantemente permitir o voo até às marcas profundas que atrás de si deixou, continuando a fazer-se presente ainda, mesmo naqueles casos em que a carência económica pôde ser substituída por alguma abundância material – obtida ao altíssimo preço do sacrifício da solidariedade dos afetos humanos.

Referências

- AGAZZI, Giselle. O romance em Angola: ficção e história em Pepetela. *Imaginário*, São Paulo, nº 12-13, 2006, p. 191-208.
- BIRMINGHAM, David. *Portugal e África*. Lisboa: Vega, 2001.
- CHAVES, Rita. Pepetela: romance e utopia na história de Angola. *Via Atlântica*, São Paulo, nº 2, 1999, p. 216-233.
- FLOYD, William David. *Orphans of British fiction, 1880-1911*. (Tese doutorado). Stirling (UK): University of Stirling, 2011.
- GUSKY, Sara. *Living in Limb/o: reading dismemberment and orphanhood in contemporary Spanish Caribbean literature*. (Tese doutorado). Miami (USA): University of Miami, 2014.
- KIMBALL, Melanie. From folktales to fiction: orphan characters in children’s literature. *Librarytrends*, Baltimore, nº 47-3, 1999, p. 558-578.
- MCCANTS, Anne. Orphans and foundlings; Poverty. In: *Europe, 1450-1789: encyclopedia of the early modern world*. V. 4-5. New York: Charles Scribner’s Sons, 2004.
- MULLAINATHAN, Sendhil; SHAFIR, Eldar. *Scarcity: the new science of having less and how it defines our lives*. New York: Picador, 2014.
- ONDJAKI. *Os transparentes*. Lisboa: Caminho, 2012.
- PEARSON, Carol. *Awakening the heroes within: twelve archetypes*. New York: Harper, 1991.
- PEPETELA. *Crónicas com fundo de guerra*. Lisboa: Edições Nelson de Matos, 2011.

- _____. *Se o passado não tivesse asas*. Lisboa: Dom Quixote, 2016.
- PETERS, Laura. *Orphan texts: Victorian orphans, culture and empire*. Manchester: MUP, 2000.
- PUNNETT, Audrey. *The orphan: a journey to wholeness*. Sheridan: Fisher King Press, 2014.
- ROUX, Caroline; GOLDSMITH, Kelly; BONEZZI, Andrea. On the psychology of scarcity: when reminders of resource scarcity promote selfish (and generous) behavior. *Journal of consumer research*, Chicago, nº 42-4, 2015, p. 615-631, 2015.
- SILVA, Renata Flavia da. A literatura angolana e os seus “pioneiros”: outros sentidos e novas epistemologias. *CES Contexto-Debates*, Coimbra, v. II, 2016, p. 26-35.
- STOLER, Ann Laura (ed.). *Imperial debris: on ruins and ruination*. Durham: Duke University Press, 2013.